

O realismo na literatura infanto – juvenil*

MARGARIDA OTTONI
Educadora e Escritora de Livros Infantis

Estou aqui, a partir deste momento, representando um grupo que não foi convidado para este Seminário e que, se quisesse inscrever-se, para falar ou sequer ouvir, não lhe seria permitido, embora seja a razão deste nosso encontro.

Minha palavra será a apresentação do resultado de uma pesquisa de opinião infanto-juvenil sobre alguns aspectos do Realismo em livros de história, sejam nacionais ou traduzidos.

Realizei esta pesquisa em escolas do Rio de Janeiro, no período de 25 a 28/6/79 – escolas públicas e particulares – dos seguintes bairros: Grajaú, Copacabana, Tijuca, Vila Isabel e Del Castilho (Favela Nova Brasília). Ao todo, foram consultadas 450 crianças (3ª, 4ª, 5ª e 6ª séries) cujas idades vão dos 8 aos 15 anos – três turmas de cada série.

A primeira pergunta formulada, com finalidade eliminatória, foi: “Gosta de ler?”. Apenas 4,45% responderam não. Foram apuradas as respostas de 429 alunos que disseram: gosto, adoro, sim, muito, mais ou menos, às vezes, ou algo que denotasse interesse por leitura.

Cuidados preliminares: a) só utilizar turmas com prática de leitura extra-classe; b) estabelecer um clima de simpatia, através de uma conversa com os alunos; c) pedir que fossem absolutamente sinceros ao darem suas respostas.

Além da pergunta eliminatória, formulei mais três, com a finalidade de consultar a opinião dos alunos com referência ao emprego, na literatura infanto-juvenil, da **realidade**, da **tristeza** e do **palavrão**, três ingredientes geralmente encontrados nas narrativas realistas (além de outros que não focalizei).

(*) Trabalho apresentado no Seminário de Literatura Infanto-Juvenil, realizado pelo Real Gabinete Português de Leitura – dia 6/7/79.

As perguntas: 1ª) Você prefere a fantasia ou a realidade nos livros de história? Ou ambas? 2ª) Você gosta de ler histórias que, embora interessantes, sejam tristes? 3ª) Que acha de uma história em que haja um ou mais palavras?

Trago para este auditório os resultados e o levantamento final. E aviso: a partir deste instante, todas as vezes em que eu disser “crianças” ou “alunos”, estou-me referindo à amostra que vou apresentar, que está assim constituída: 4 escolas públicas (Cícero Pena, em Copacabana; Eurico Vilela, na Favela Nova Brasília; Francisco Campos, no Grajaú; Noel Rosa, em Vila Isabel) e 2 escolas particulares (Companhia de Maria, no Grajaú; Santa Tereza de Jesus, na Tijuca). Como já lhes disse, consultei três turmas de cada série, sendo que o total de alunos é praticamente igual nas quatro séries. O total geral: 429.

Vejamos o primeiro quadro:

Respostas	Séries	3ª	4ª	5ª	6ª	% do Total
fantasia		23%	26,5%	23%	31%	25,88%
realidade		21%	14,5%	49,5%	37,5%	30,30%
fantasia + realidade		56%	59%	27,5%	31,5%	43,82%
triste, porém interessante		39,5%	51%	56,5%	67%	53,48%
triste, não!		34%	37%	28%	27,5%	31,61%
triste, depende		26,5%	12%	15,5%	5,5%	14,91%
Total de alunos		109	110	101	109	429

Refere-se este quadro às duas primeiras perguntas, apuradas segundo a série escolar. Observemos a parte que se refere à preferência entre fantasia, realidade ou ambas. A maior incidência de respostas até a 4ª série inclusive encontra-se no item “fantasia + realidade.” A partir da 5ª, o interesse maior desses alunos é pelas histórias que narram fatos reais. Talvez a causa esteja nas modificações psicofisiológicas por que passam as crianças a partir dos dez anos, influenciando sobremaneira em suas atitudes e gostos. Contudo, no total (429) é grande a diferença a favor do 3º item.

Passemos à parte que se refere a histórias tristes. Se forem interessantes, agradam à maioria dos alunos em todas as séries, como podemos observar pela maior incidência no 1º item. Entretanto, se somarmos a percentagem dos que não aceitam a história triste (ainda que interessante) com a dos que responderam depende (depende do enredo, do final ou do desenrolar não muito

triste), veremos que na 3ª série esta soma supera o total dos que disseram sim, e na 4ª série praticamente iguala. Faço questão de lembrar que a pergunta feita foi “Você gosta” e não “Você prefere”. Não pesquisei a opinião sobre histórias alegres, por motivos óbvios.

Passemos ao segundo quadro:

Respostas / Idades	8	9	10	11	12	13	14	15 e +	% do Total
fantasia	18%	25%	24%	31%	31%	23%	20%	31%	25,88%
realidade	18%	13%	20%	32%	41%	50%	48%	46%	30,30%
fantasia + realidade	64%	62%	56%	37%	28%	27%	32%	23%	43,82%
triste, porém interessante	36%	43%	51%	54%	58%	59%	76%	77%	53,48%
triste, não.	39%	26%	40%	30%	33%	31%	16%	8%	31,61%
triste, depende	25%	31%	9%	16%	9%	10%	8%	15%	14,91%
Total de alunos	28	72	92	69	78	52	25	13	429

Temos os mesmos itens do quadro anterior, desta vez grupados pela idade. O resultado é mais ou menos o mesmo, sendo que a preferência por “fantasia + realidade” se manifesta até os 11 anos. A partir dos 12, passa para “realidade”. Quanto a histórias tristes, observamos o seguinte: os alunos de 8 anos, em sua maioria, não aceitam a história triste (ainda que interessante). Até os 10 anos inclusive, os que não gostam de histórias tristes mais os que as aceitam com restrições correspondem a mais da metade ou à metade do total. A partir dos 11 anos, a maior incidência está no 1º item, como também a do total.

Vejamos o terceiro quadro:

Respostas / Séries	3ª	4ª	5ª	6ª	% do Total
Certo	9%	8%	23%	25%	16,09%
Errado	86%	82%	59,5%	57,5%	71,56%
Divertido	2%	3,5%	4%	3,5%	3,26%
Indiferente	3%	6,5%	13,5%	14%	9,09%
Total de alunos	109	110	101	109	429

Este se refere à pergunta “história onde haja um ou mais palavrões”. Onde se lê **certo**, incluem-se outras respostas favoráveis: normal, natural, gosto, útil à narrativa etc. Onde se lê **errado** também se incluem: não gosto, desnecessário, grosseiro, horrível etc. Em **divertido** estão incluídos: legal, bacana, um barato etc. Em **indiferente**: tanto faz, não ligo, não me importo, e ainda os indecisos, por ex: “nunca li nenhum desses livros, não sei dizer”; ou: “ele pode ser necessário à história, mas estraga a educação da gente.”

Observamos o resultado: a maior incidência de 3ª a 6ª série está no item 2, decrescendo à medida que cresce o adiantamento escolar. A maior percentagem do total de alunos corresponde também ao 2º item, por grande maioria.

Vejamos agora o mesmo assunto apurado segundo a idade dos alunos:

Respostas / Idades	8	9	10	11	12	13	14	15 e +	% do Total
Certo	3,5%	12,5%	3,5%	23%	22%	29%	16%	31%	16,09%
Errado	93%	79,5%	90%	62,5%	56%	59,5%	68%	46%	71,56%
Divertido	—	4%	2,5%	4,5%	4%	2%	4%	7,5%	3,26%
Indiferente	3,5%	4%	4%	10%	18%	9,5%	12%	15,5%	9,09
Total de alunos	28	72	92	69	78	52	25	13	429

A maior incidência encontra-se no item 2, como no quadro anterior, observando-se que a percentagem tende a decrescer à medida que os alunos crescem. Note-se também que, enquanto decresce o item 2, cresce o item 1, o que não nos deve surpreender, porque este quadro começa com crianças de 8 anos e termina com jovens de 15. No total, 17,56% dos alunos manifestaram-se contra o emprego de palavrões na literatura infanto-juvenil.

Se levarmos em conta apenas os totais, concluiremos que os escolares consultados preferem histórias que sejam um misto de fantasia e realidade, gostam de histórias tristes que sejam interessantes e condenam o emprego de palavrões na literatura que lhes é destinada.

Ao encerrar, faço questão de ler algumas das respostas dos estudantes. Relacionei as que mais me impressionaram pela reflexão demonstrada. (Copiei-as na íntegra, daí alguns erros que não devem ser levados em conta).

a) Relativas a fantasia e realidade:

- Prefiro fantasia, porque a realidade é muito triste (4ª série, 10 anos)
- Fantasia é melhor, mas não desprezo as histórias reais (4ª série, 9 anos)
- Eu gosto da história com realidade para nós vermos o mundo que nós vivemos (4ª série, 10 anos)
- Eu prefiro as histórias que contam a verdade (5ª série, 12 anos)

- Gosto da fantasia porque me divirto (5ª série, 12 anos)
- Prefiro história de fatos reais porque nos ensina como é a vida lá fora (5ª série, 11 anos)
- Ambas. Nós temos que sonhar mas é importante encarar a vida (5ª série, 15 anos)
- Fantasia. Eu me amarro em ficção científica (6ª série, 13 anos)

b) Relativas a histórias tristes:

- No começo triste e no fim alegre (4ª série, 11 anos.)
- Só às vezes. Quando estou triste gosto de ler histórias tristes, para ver que a minha tristeza é muito boba em relação às dos outros (6ª série, 11 anos)
- Gosto. A tristeza existe, e quem não quer tristeza está vivendo em sonhos (6ª série, 12 anos)
- Sim, mas eu fico um pouco sentida (6ª série, 13 anos)
- Sim, pois um toque de tristeza sempre faz um livro mais emocionante, pelo menos para mim (6ª série, 13 anos)
- Se for triste, mas muito interessante eu gosto, mas se for muito triste, prefiro nem ler (6ª série, 12 anos)
- Acho que, quando a história é boa, é boa mesmo. Não importa que seja triste. (6ª série, 12 anos)
- Eu gosto, mas no fim eu me emociono (4ª série, 10 anos)
- Gosto, porém choro lendo (4ª série, 10 anos)

c) Relativas a palavrão:

- Que o autor não tem moral (4ª série, 10 anos)
- Se o livro tem palavrão e a capa é bonita, deviam botar uma capa e um título adequado para o que tem escrito nesse livro (4ª série, 9 anos)
- Foi escrito por um escritor baixo (4ª série, 10 anos)
- Eu acho que deviam parar de vender este livro (4ª série, 10 anos)
- Eu acho que esse livro está ensinando as crianças a serem mal educadas (4ª série, 9 anos)
- Gosto um pouco dessas estórias. Algumas são engraçadas (4ª série, 10 anos)
- Divertido e um pouco ruim (4ª série, 11 anos)
- Normal, se for espontâneo (4ª série, 11 anos)
- Eu acho que esta estória foi escrita por uma pessoa irresponsável (3ª série, 8 anos)
- Uma história realista que conta exatamente o que se encontra (6ª série, 12 anos)
- Nada de mais, porque hoje em dia a gente escuta tantos na rua (6ª série, 11 anos)
- Eu acho que era um pouca vergonha do autor e do professor que mandasse os alunos lerem (6ª série, 13 anos)
- Um palavrão não estraga o livro. Para transmitir melhor a história, pode ser usado sem exagero (6ª série, 13 anos)

- Está errado porque não é jogo de Vasco e Flamengo (5ª série, 12 anos)
- Eu acho um livro sujo para crianças (4ª série, 9 anos)
- Uma criança não deve ler um livro que tenha palavrão se não vai querer falar a mesma coisa que leu (4ª série, 12 anos)
- Depende. Se a história for boa, eu gosto, se for ruim eu não gosto (5ª série, 12 anos)
- Eu acho uma desmoralidade (5ª série, 15 anos)
- Uma porcaria que não deveria ser vendida no Brasil (5ª série, 11 anos)
- Acho que é uma história normal, com a linguagem um pouco grosseira (6ª série, 12 anos)
- Depende da história e dos palavrões (5ª série, 13 anos)
- Eu não acho nada, porque até hoje todas as histórias que li nunca apareceu palavrão e acho que não fez falta (6ª série, 12 anos)
- Para mim eu não acharia uma coisa absurda porque eu acho que já sou meio adulta, mas para muitos que tem na minha sala, não pegaria bem, porque ainda são muito crianças (6ª série, 14 anos)

Chamo a atenção para a parte final: “porque são muito crianças.” Este sentimento de proteção à criança menor, manifestado pela criança maior, apareceu em grande número de respostas.